

A Entrevista oral inicial como instrumento de trabalho em PLNM

Maria Dulce Gonçalves
Esc. Sec. Monte de Caparica

Portugal, como a maioria dos países europeus, depara-se hoje com uma população escolar heterogénea do ponto de vista cultural e linguístico.

Às escolas cabe ter a capacidade de responder às necessidades de uma comunidade escolar linguisticamente diversificada.

A Escola Secundária do Monte da Caparica está inserida numa zona de acolhimento de imigrantes. Numa primeira fase, após Abril de 1974, esta população imigrante provinha essencialmente dos países africanos. Numa segunda fase, além destes, recebe, essencialmente, cidadãos brasileiros e dos países do leste europeu.

Para cada um destes grupos a Língua Portuguesa funciona:

- como uma língua estrangeira (PLE) ou
- como uma segunda língua (PL2).

Para os imigrantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, o nível de proficiência no Português-padrão é muito variável. Enquanto segunda língua, o Português é usado primordialmente na escola e como veículo de escolarização. Na família, nas relações sociais mais próximas e até mesmo ao nível da pequena comunidade local surgem os dialectos, nomeadamente o crioulo e o bantu. Mesmo para as crianças, filhos de pais africanos, nascidos em Portugal, verifica-se que a sua competência linguística não lhes permite uma integração total no currículo.

Para os brasileiros, a língua materna é uma variedade do português-padrão. Este desvio à norma varia de acordo com as diferentes regiões deste vasto território.

De modo a responder adequadamente a esta heterogeneidade sociocultural e linguística, assegurar a plena integração e promover o efectivo sucesso escolar dos alunos, surge, no presente ano e inserido no projecto TEIP, a contratação a nível de escola de uma professora de Português Língua Não Materna.

Após duas reuniões preparatórias com a Coordenadora do Departamento de Português, que serviram, essencialmente, para análise e interpretação da legislação mais recente no âmbito do PLNM, decidiu-se que o primeiro passo a tomar seria a identificação dos alunos estrangeiros que frequentam este estabelecimento de ensino.

Analisados os processos individuais dos alunos, foram identificados **76** alunos estrangeiros ao nível dos cursos gerais (do 7º ao 12º ano).

País Ciclo	Angola	Brasil	Cabo Verde	Guiné	Índia	Itália	Moldávia	S. Tomé	Ucrânia	U.S.A.	Total
Básico	6	12	2	3	1	-	2	1	-	-	27
Secundário	13	8	15	4	-	1	-	5	1	2	49
Total	19	20	17	7	1	1	2	6	1	2	76

Quadro 1 - Distribuição dos alunos por país de origem

De acordo com o documento “ Linhas orientadoras para o trabalho inicial em Português Língua Não Materna” emanado pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, de Setembro de 2007, um efectivo diagnóstico dos alunos é alcançado através de:

- entrevista oral inicial
- teste (oral e escrito) para posicionamento em grupo de nível.

Foram realizadas, no período de 2 semanas, as entrevistas orais. Desloquei-me, pessoalmente, a cada uma das turmas, no horário de Português ou Estudo Acompanhado (bloco de Português) e convidei os alunos identificados para uma conversa comigo. Optei por formar pequenos grupos (no máximo 4 alunos) e considero que, nalguns casos, até teria sido positivo formar grupos mais pequenos; tudo depende do à-vontade dos alunos presentes e da nossa capacidade para o perceber.

Considero, sem qualquer dúvida, este primeiro contacto como de primordial importância. Devo referir que a maioria dos casos mais graves de proficiência em língua portuguesa foram detectados nesta entrevista inicial pois este contacto permitiu-me:

- aferir o nível de compreensão oral do aluno;
- aferir a sua capacidade de interacção oral (quer comigo, quer com os colegas presentes);
- aferir a sua capacidade de produção oral;

- conhecer aspectos da sua identidade cultural;
- diagnosticar problemas de integração na comunidade escolar;
- permitiu-me identificar o tipo de teste diagnóstico adequado à maioria dos alunos.

Devo referir que, com poucas exceções, este primeiro contacto com este grupo de 76 alunos, ao longo de 2 semanas, foi uma experiência muito positiva. Os alunos perceberam a pertinência desta disciplina, falaram abertamente das suas dificuldades de integração na escola, foram discutidos problemas de discriminação cultural com que já se defrontaram, as dificuldades que sentem nas diferentes disciplinas e as estratégias que utilizam para as ultrapassar.

Senti, claramente, que estes alunos têm uma grande necessidade de partilhar as suas dificuldades e que o espaço de uma sala de aula não lhes permite fazê-lo. Foram vários os que declararam abertamente que não participam nas aulas porque têm receio que as suas dificuldades ao nível da expressão oral os transforme num alvo de “chacota” geral; quando não percebem um determinado conceito ou ideia não o declaram abertamente e de imediato, pois isso os expõe. Isto leva a que se fechem cada vez mais e as suas dificuldades não sejam identificadas e ultrapassadas.

A partir deste primeiro momento, tornou-se claro que era necessário estabelecer prioridades. Percebi que estava perante um grupo heterogéneo ao nível das necessidades: necessidades de integração, curriculares e linguísticas.

A urgência na resposta a estas necessidades está directamente relacionada com o tempo de permanência em Portugal.

	Menos de 1 ano	Entre 1 e 3 anos	Entre 3 e 5 anos	Entre 5 e 7 anos	Entre 7 e 9 anos	Entre 9 e 11 anos	Entre 11 e 13 anos	Mais de 13 anos	Total
Básico	6	3	6	3	5	3	-	-	26*
Secundário	10	4	2	5	6	6	1	9	43**

* 9 alunos fizeram toda a escolaridade em Portugal.

** 15 alunos fizeram toda a escolaridade em Portugal

Numa segunda fase foram realizados os testes de diagnóstico escritos de acordo com as directrizes da DGIDC e todos os alunos estão inseridos em níveis de proficiência linguística. Neste momento está a ser realizado um trabalho de integração dos alunos recém-chegados ao nosso país e à nossa escola; um trabalho que não se fica pelo desenvolvimento das competências linguísticas mas que abarca em si o esforço de várias valências (Director de Turma, Assistente Social e Encarregados de Educação) pois o “que mais queremos é que sejam felizes”.